

A VARIAÇÃO DO FONEMA /R/ RETROFLEXO NAS CIDADES DE ITAGUARA (MG) E ITAÚNA (MG) SOB A PERSPECTIVA DE SPOLSKY**VARIATION OF THE RETROFLEX /R/ PHONEME IN THE TOWNS OF ITAGUARA (MG) AND ITAÚNA (MG) ACCORDING TO SPOLSKY'S PERSPECTIVE**Juraci da Silva Carmo¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo descrever as variações do fonema /R/ retroflexo nas cidades de Itaguara e Itaúna, ambas localizadas na região centro-oeste do estado de Minas Gerais, Brasil. Como arcabouço teórico, foi utilizada a perspectiva de política linguística defendida por Spolsky (2004, 2009, 2012). Spolsky define política linguística a partir de três dimensões, práticas, crenças e gestão da língua. Percebe-se que as escolhas linguísticas dos falantes daquelas duas cidades corroboram Spolsky (2009), segundo o qual, das três dimensões que definem política linguística, as práticas se configuram como a mais forte.

PALAVRAS-CHAVE: Política linguística. Spolsky. Itaguara (MG). Itaúna (MG). /R/ retroflexo.

ABSTRACT: This paper aims to describe the variations of the retroflex phoneme /R/ in the towns of Itaguara and Itaúna, both located in the Central-West region of Minas Gerais, in Brazil. This study is theoretically sustained by the linguistic policy perspective defended by Spolsky (2004, 2009, 2012). The author defines language policy based upon three dimensions: practices, beliefs and language management. It is evinced that the linguistic choices of the speakers in those two towns corroborate Spolsky (2009), according to which, out of the three dimensions that define linguistic policy, practices have proven to be the strongest one.

KEYWORDS: Language policy. Spolsky. Itaguara (MG). Itaúna (MG). Retroflex /R/.

1 Primeiras palavras

Consoante Spolsky (2009, p. 1), “Política Linguística é feita de escolhas”² e essas acontecerão de acordo com a comunidade de fala na qual o falante está inserido. Sendo assim, em um contexto multilíngue, o falante poderá escolher a língua a ser utilizada. Se os falantes dominam o inglês e o espanhol, por exemplo, poderão optar pela língua com a qual irão se comunicar. Em um contexto que não seja multilíngue, o falante optará por uma variedade ou mesmo por uma variante linguística. Dessa forma, em um contexto de comunicação no qual todos falem somente a língua portuguesa, é possível que as pessoas usem palavras diferentes para se referir ao mesmo objeto. A língua apresenta essa possibilidade e o falante faz a sua escolha. Além disso, Spolsky (2004, 2009, 2012) apresenta três componentes para as políticas linguísticas: as práticas, as crenças e a gestão da língua.

As práticas são as escolhas que os membros de uma comunidade de fala fazem em relação à língua, como a escolha de uma variante que melhor se adeque à compreensão de seu interlocutor ou, ainda, uma variante de maior prestígio dentro de sua comunidade de fala.

¹ Doutoranda em Letras, Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestra em Letras, Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: silvacarmo.juraci@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3749-5305>.

² No original: “Language policy is all about choices.” (SPOLSKY, 2009, p. 01)

O segundo componente - crenças, ou ideologia - representa os valores que são atribuídos à língua. De acordo com Spolsky (2009, p. 04)³, “o *status* de uma variante ou variedade deriva de quantas pessoas a usam, da importância de seus usuários e dos benefícios econômicos e sociais que um falante pode esperar usando-a”.

O terceiro componente é denominado de gestão por Spolsky (2009) e é definido como todos os esforços realizados por alguém, ou por um grupo, ou um governo, enfim, por quem se julgue na autoridade de modificar as práticas ou as crenças dos participantes de dado domínio social (família, escola, igreja etc.).

Ainda que os três citados componentes sejam independentes, eles se relacionam, no sentido em que um pode determinar o outro. Assim, as práticas, por exemplo, podem ser resultantes das crenças que os falantes atribuem à língua que utilizam.

Os três componentes apresentados por Spolsky (2004, 2009, 2012) são relevantes; no entanto, as práticas se constituem como o componente mais forte e, além disso, as práticas são as responsáveis por fazer com que a língua estabeleça sua identidade. Um exemplo capaz de ilustrar essa afirmação seria a antiga discussão sobre o uso de “biscoito *versus* bolacha”. Segundo Valadares (2014), o falante da cidade de São Paulo denomina bolacha o alimento que o carioca chama de biscoito. Sendo assim, constata-se que, em suas práticas, os falantes fazem usos distintos para nomear o mesmo alimento. Em Valadares (2014), o uso de bolacha seria uma espécie de identidade paulistana, uma forma de detectar que aquele falante é proveniente da capital do estado de São Paulo⁴.

As noções de Spolsky sobre política linguística representam uma importante contribuição para os estudos linguísticos, pois, mediante as ponderações do autor, é possível que se compreendam as influências que determinada atitude linguística⁵ de um falante acarretará em suas relações sociais, bem como as relações de poder e influências que a língua exerce na sociedade.

Tendo em vista o exposto, este artigo tem por objetivo descrever os usos do fonema /R/ retroflexo em posição final de sílaba na fala dos moradores das cidades de Itaúna e Itaguara, ambas no interior do estado de Minas Gerais, sob a perspectiva de política linguística defendida por Spolsky (2004, 2009, 2012).

Este é um trabalho que se justifica por considerar extremamente importante que os estudos sobre Políticas Linguísticas no Brasil abarquem os estudos variacionistas. Como assevera Bagno (2015, p. 27), o português brasileiro apresenta alto grau de variabilidade. Sendo assim, as Políticas Linguísticas precisam ser pensadas em consonância com a consciência de que a língua não é tão somente, como declara de Bagno (2007, p. 35), um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram cuidadosamente selecionadas para compor a *norma-padrão*. Ainda segundo Bagno (2007, p. 37), a língua é um produto *sociocultural*, elaborado, ao longo do tempo, pelo esforço de muita gente. Sendo assim, nada mais sensato do

³ No original: “The status of a variant or variety derives from how many people use it and the importance of the users, and the social and economic benefits a speaker can expect by using it” (SPOLSKY, 2009, p. 04)

⁴ Em um trabalho ainda em andamento, a autora deste artigo encontrou o termo “bolacha” na fala dos nativos da região centro-oeste mineira; portanto, seu uso não é exclusivo da capital do estado de São Paulo; no entanto, Valadares (2014) tem razão quando coloca que o uso de “bolacha” é visto pelo restante do Brasil como sendo um elemento de identidade paulistana.

⁵ Segundo Lambert e Lambert (1966), atitude é a maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação à sociedade. Sendo língua e sociedade indissociáveis, como coloca Labov (2008[1972]), as atitudes linguísticas são as atitudes sociais e vice-versa. Dessa forma, atitudes linguísticas são os comportamentos do falante em relação à língua, ou às línguas às quais está exposto. Um falante nativo de japonês que se muda para o Brasil, por exemplo, pode ter como atitude linguística preservar sua língua original, o japonês, ou mesmo querer deixá-la de lado e passar a se comunicar, exclusivamente, em língua portuguesa, já que passou a viver no Brasil.

que, ao se pensar em Políticas Linguísticas - aquelas que conduzirão os caminhos da língua em uma comunidade de fala - sejam considerados os agentes responsáveis por fazer com que a língua adquira suas formas, os falantes e a sociedade na qual eles vivem. Deve-se pensar, por exemplo, que instituições como as escolas são agentes transformadores da sociedade, portanto, é de grande importância que as políticas linguísticas no ambiente escolar sejam norteadas pela variação linguística. Bagno (2007) orienta sobre a relevância de livros didáticos darem à variação linguística o tratamento que lhe cabe, ou seja, que os manuais escolares valorizem a multiplicidade linguística do português brasileiro e não que a trate como um problema.

Para que este artigo alcance seus objetivos, será utilizado o *corpus* de uma pesquisa empreendida, naquelas duas cidades, por Carmo (2017)⁶. Vale salientar que tal análise nada tem que ver com aquela feita por Carmo (2017) em seu trabalho. Esta é uma reflexão independente que, de forma alguma, tem por objetivo descreditar as análises de Carmo (2017). O que se pretende é apenas observar as conclusões daquele trabalho sob uma nova ótica.

Antes que se apresentem os dados a serem descritos, faz-se necessário apresentar alguns aspectos sociais das cidades em questão.

2 Ambiente sociolinguístico de Itaguara e Itaúna

Itaguara (MG) está localizada na região centro-oeste mineira, possui extensão territorial de 410.468 Km² e sua população, segundo o censo de 2022, é de 13.846 habitantes. A cidade não possui Instituição de Ensino Superior (IES); por esse motivo, os itaguarenses, como são denominados os nativos daquela cidade, ao concluírem o ensino médio, costumam se mudar para Belo Horizonte para continuarem seus estudos. A coordenadora do museu local, ao ser entrevistada⁷, disse que a banda musical de Itaguara - citada por Manuel Bandeira em uma crônica⁸ - “parece banda mirim”, já que seus componentes são adolescentes e crianças. O que ela quis dizer é que tem sido muito comum que, ao completarem 18 anos, os componentes da banda, que começam muito cedo a tocar, deixem a cidade em busca de estudos e oportunidades em outras cidades, o que faz com que os integrantes da corporação musical sejam, constantemente, substituídos por alguém mais jovem. Um fato interessante sobre a cidade de Itaguara é a passagem do escritor mineiro João Guimarães Rosa por ali. Rosa, logo que se formou médico, foi trabalhar na cidade e lá permaneceu por quase 2 anos, entre os anos de 1930 e 1932. Naquela cidade, foi instalado o MUSA⁹, Museu Sagarana, em homenagem ao

⁶ Trata-se de uma revisitação à dissertação de mestrado empreendida pela autora deste artigo. Naquela ocasião, o que se fez foi uma análise comparativa entre as manifestações do fonema /R/ em final de sílaba no falar dos moradores das cidades de Itaguara e Itaúna, ambas na região centro-oeste do estado de Minas Gerais. É um trabalho que se encontra disponível a qualquer um que se interesse pelo tema e pode ser consultado integralmente em:

https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/9677/1/DISSERTACAO_Realiza%C3%A7%C3%A3oVari%C3%A1velFonema.pdf

⁷ Ao empreender sua pesquisa em Itaguara e Itaúna, Carmo (2017) fez uma visita de reconhecimento dos lugares. Dessa forma, essa autora foi a pontos significantes das duas cidades, como museus e prefeituras. Nessas visitas, Carmo (2017) conversava informalmente com as pessoas que estavam à frente das citadas instituições naquele momento. Sendo assim, a autora conversou com a coordenadora do museu de Itaguara que, por sorte, se encontrava no MUSA, museu Sagarana, naquele momento. No artigo, foi usado o termo entrevista, mas, na verdade, a interação aconteceu mais como uma conversa informal na qual aquela coordenadora foi muito receptiva e simpática à pesquisadora.

⁸A citada crônica pode ser conferida neste endereço eletrônico:

<https://www.alissondiego.com.br/2013/07/bandinhas-manuel-bandeira-sobre-banda.html>

⁹ <https://www.museusagarana.com.br/-o-medico-drajoao-guimaraes-rosa>

escritor. Até mesmo pela passagem de Rosa por Itaguara, a cidade faz parte de um circuito turístico daquela região.

Itaúna (MG), assim como Itaguara, está localizada na região centro-oeste do estado de Minas Gerais, possui unidade territorial de 495.769 km² e conta com uma população de 97.669 habitantes. Ao contrário de sua vizinha Itaguara, Itaúna conta com IES e costuma receber jovens de vários estados do Brasil para, ali, empreenderem seus estudos. Em 1975, Itaúna recebeu da Unesco, *United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization*¹⁰, o título de cidade educativa do mundo. Isso, certamente, demonstra o importante papel da educação na cidade, motivo pelo qual os jovens a procuram como moradia escolar. Em Itaúna, a principal atividade econômica é a siderurgia. Mesmo sendo desenvolvida economicamente, Itaúna mantém as tradições de cidade do interior mineiro, como as festas de Folia de Reis, Reinados e as comemorações dedicadas à padroeira Sant’Ana.

Tendo sido apresentadas as duas cidades, é importante elucidar as razões pelas quais as duas se conectam. Até o ano de 1943, Itaguara era um distrito de Itaúna, e a emancipação só aconteceu, porque o governador do estado de Minas Gerais, à época, Benedito Valadares, visitou Itaguara e percebeu que aquela cidade necessitava melhorar suas estradas e seu serviço de telefonia. Valadares entendeu que tais melhorias seriam mais facilmente conquistadas se Itaguara gerisse seus próprios recursos financeiros. As relações entre Itaguara e Itaúna, no entanto, não se extinguiram com a emancipação, ainda hoje, quando precisam de qualquer médico especialista, por exemplo, os itaguarenses, como são chamados os nativos daquela cidade, recorrem a Itaúna. Além disso, é comum que itaguarenses trabalhem Itaúna.

Tendo convívio social com as duas cidades, Carmo (2017) fez uma observação assistemática da fala de seus nativos: mesmo tendo relações sociais tão próximas, os falantes de Itaguara e de Itaúna não apresentam a mesma realização do fonema /R/ em final de sílaba. Em sua observação assistemática, a autora acreditava que, na fala dos nativos de Itaguara não havia a retroflexão do fonema /R/ em posição final de sílaba. Já na fala dos nativos de Itaúna, o fonema /R/ retroflexo é perceptível até mesmo aos ouvidos menos atentos. Com o intuito de avaliar suas hipóteses, a pesquisa de Carmo (2017) foi empreendida. Esse trabalho analisou as variações do fonema /R/ retroflexo na fala dos moradores de Itaguara e Itaúna e suas descobertas apontaram para uma possível mudança na cidade de Itaguara. Os itaguarenses já tiveram, segundo Carmo (2017), uma produção bem marcada do fonema /R/ retroflexo em sua fala. Com o tempo, todavia, essa produção foi dando lugar a outras formas de realização do fonema /R/ em final de sílaba.

Este artigo se utilizará, como já mencionado, do *corpus* constituído por Carmo (2017), contudo, o que se pretende aqui, é tão somente descrever os dados de pesquisa daquele trabalho sob a perspectiva de política linguística defendida por Spolsky (2004, 2009, 2012).

3 Descrição dos dados

Como já dito, nas palavras de Spolsky (2009, p. 01)¹¹, “política linguística é feita de escolhas” e em um contexto que não seja multilíngue, os falantes farão suas escolhas de variedade ou de variantes das quais lançarão mão em suas situações de comunicação. Itaguara e Itaúna estão inseridas em um contexto de comunicação que não é, majoritariamente, multilíngue, ainda que haja pessoas em ambas as cidades que, possivelmente, falem outras línguas, a língua oficial, tanto de Itaguara quanto de Itaúna, é a língua portuguesa. Cabe, então,

¹⁰ Em português, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

¹¹ No original: Language policy is all about choices.” (SPOLSKY, 2009, p. 01)

retomando Spolsky (2009), aos falantes daquelas duas cidades escolher entre variedades e variantes e esse é, justamente, o cenário encontrado por Carmo (2017).

Carmo (2017) analisou a variação do fonema /R/ retroflexo na fala dos moradores das cidades de Itaguara e de Itaúna, ambas no centro-oeste mineiro. Para isso, a autora elaborou um *corpus* com 3.655 ocorrências do fonema /R/ em final de sílaba, das quais 1823 foram em Itaguara e 1832 foram em Itaúna. A coleta de dados contou com 10 participantes em cada cidade, 5 homens e 5 mulheres em cada uma delas. É relevante salientar que a faixa etária dos participantes da pesquisa é dos 50 aos 90 anos de idade. Segundo conclusões da autora, a retroflexão do fonema /R/ é um fenômeno bastante característico da fala dos moradores de Itaúna. Em Itaguara, no entanto, a situação é diferente, pois só se percebe a retroflexão na fala de seus moradores, caso haja uma escuta apurada. Os estudos de Carmo (2017) apontam para uma mudança em curso¹² na fala dos moradores de Itaguara, a retroflexão tem dado lugar a outras realizações do fonema /R/ em final de sílaba. A tabela 1, elaborada por Carmo (2017), apresenta o panorama geral da produção fonema /R/ em final de sílaba na fala de itaguarenses e itaunenses:

Tabela 1 - Realização fonética do fonema /R/

Variantes do fonema /R/	Itaguara (MG)		Itaúna (MG)	
	QTD	%	QTD	%
Retroflexo	390	21%	504	28%
Fricativa Glotal Vozeada	171	9%	123	7%
Fricativa Glotal Desvozeada	273	15%	201	11%
Tepe	6	0%	0	0%
Fricativa Velar Vozeada	12	1%	5	0%
Ressilabificação	83	5%	57	3%
Apagamento	882	48%	936	51%
Outros	6	0%	6	0%
Totais	1.823	100%	1.832	100%

Fonte: Carmo (2017, p. 54)

Observa-se na tabela a ocorrência de retroflexão do fonema /R/ na fala dos moradores das duas cidades - Itaguara e Itaúna. Segundo Carmo (2017), no entanto, só se percebe a retroflexão do fonema /R/ na fala de itaguarenses, quando essa é ouvida com fone, em ambiente silencioso, como o faz um linguista em trabalho. Ainda segundo Carmo (2017), a pronúncia daquele fonema em Itaguara não é tão marcada como acontece em Itaúna.

Faz-se necessário explicar que a autora chama de ressilabificação a pronúncia realizada em encontros do fonema /R/ em duplo final – final sílaba e final palavra – com uma vogal inicial na palavra subsequente, como em:

(1) SaboRAmargo

¹² Mudança em curso significa dizer que, apesar de quase não ser perceptível a presença de retroflexão do fonema /R/ na fala dos nativos de Itaguara, Carmo (2017) confirmou que o /R/ retroflexo ainda é produzido naquela comunidade de fala. Sendo assim, ainda que os indícios apontem para a substituição daquele fonema pela forma inovadora, ele ainda persiste, pois, como assevera Naro (2015), as mudanças não se processam de maneira abrupta, elas são graduais.

A tendência, nesses casos, é que se pronuncie as duas palavras como se fossem apenas uma, como apresentado no exemplo (1).

O grande número de apagamentos está relacionado à recorrência de palavras, como os verbos no infinitivo, por exemplo, nos quais o fonema /R/ em contexto duplamente final, de sílaba e de palavra, não é pronunciado, como em um exemplo apresentado por Carmo (2017, p. 71):

(2) Fica(Ø)¹³ citando nome é ruim.

O apagamento, certamente, ocorrerá em casos nos quais a palavra seguinte não se inicie com vogal, pois, nesse caso, provavelmente, ocorreria a ressilabificação.

As outras variantes do fonema /R/ apresentadas por Carmo (2017), fricativa glotal vozeada, fricativa glotal desvozeada, tepe e fricativa velar desvozeada, não serão, minuciosamente, descritas por este artigo, porque não é de sua pretensão analisar, fonética ou fonologicamente, suas ocorrências. O que se pretende é descrever contextos sociais de produção do fonema /R/ retroflexo em detrimento das demais variantes.

4 Apresentação e discussão dos dados

Carmo (2017) finaliza sua pesquisa sobre a variação do fonema /R/ retroflexo nas cidades de Itaguara e Itaúna apresentando a seu leitor a possibilidade de que em Itaguara há uma mudança em curso com relação à pronúncia daquele fonema. De acordo com Carmo (2017), ao contrário do que acontece na cidade de Itaúna, perceber a ocorrência de retroflexão do fonema /R/ na fala dos itaguarenses só é possível com audição apurada, somente a sistematização de sua pesquisa lhe permitiu afirmar que os itaguarenses se utilizam do fonema /R/ retroflexo. Mediante Carmo (2017), os jovens itaguarenses migram para a capital do estado de Minas Gerais para concluir seus estudos, ou mesmo para terem melhores oportunidades de emprego e, ao retornarem à sua cidade natal, levam consigo uma nova variante de produção daquele fonema e influenciam seus conterrâneos que permaneceram em Itaguara a utilizarem-na também. Isso está fazendo com que, aos poucos, ainda conforme Carmo (2017), a retroflexão do fonema /R/ dê espaço a novas variantes do fonema /R/ no falar de Itaguara.

A situação descrita por Carmo (2017) corresponde ao que Naro (2015, p. 44) nomeia como mudança em tempo aparente. Segundo o autor, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Dessa forma, a fala de uma pessoa que tenha 60 anos nos dias atuais é um reflexo de usos linguísticos de 45 anos atrás. Dessa forma, os registros do fonema /R/ retroflexo constatados por Carmo (2017) na fala dos itaguarenses mais velhos são um reflexo daquilo que eles adquiriram quando ainda eram adolescentes. As novas gerações de itaguarenses, portanto, não irão adquirir – caso a mudança continue acontecendo naquela comunidade de fala – a variedade retroflexa do fonema /R/ em sua fala e, gradualmente, como coloca Naro (2015), a mudança ocorrerá por completo.

Partindo das conclusões de Carmo (2017), é possível observar as noções de política linguística e seus componentes, práticas e crenças, defendidos por Spolsky (2004, 2009, 2012), na fala dos nativos da cidade de Itaguara.

As práticas se apresentam para aqueles jovens itaguarenses quando esses se veem diante de uma nova possibilidade de produção do fonema /R/, aquela realizada pelos belo-

¹³ O uso do símbolo significa que o fonema /R/ não foi pronunciado naquele contexto.

horizontinos¹⁴. O falante tem, nesse momento, a possibilidade de optar pela forma como já realiza o fonema, ou pela forma como os belo-horizontinos o realizam. A pesquisa de Carmo (2017) aponta para a segunda opção, pois os itaguarenses optam por produzir o fonema /R/ de forma semelhante aos belo-horizontinos.

Ao retornarem à sua cidade natal, os jovens itaguarenses carregam consigo a forma inovadora de produção do fonema /R/, aquela que aprenderam com os belo-horizontinos, e a apresentam a seus conterrâneos. Essa situação coloca, novamente, um falante diante da possibilidade de escolha. Mais uma vez, há a manifestação das práticas defendidas por Spolsky (2009, p.1), segundo o qual “política linguística é feita de escolha”¹⁵. O itaguarense que não se mudou pode optar por continuar produzindo o fonema /R/ da forma como já o faz, ou passar a produzi-lo da nova forma apresentada pelos seus jovens conterrâneos. Mais uma vez, a pesquisa realizada por Carmo (2017) aponta para a segunda opção, os itaguarenses que permaneceram em sua cidade natal estão mudando a sua forma de produzir o fonema /R/, aproximando-a daquela realizada pelos belo-horizontinos. Nesse caso, além das práticas, percebe-se o segundo componente de política linguística defendido por Spolsky (2004, 2009, 2012), as crenças.

Mediante Spolsky (2009), o *status* de uma variedade ou mesmo de uma variante linguística está relacionado, dentre outros fatores, à importância das pessoas que as utiliza. Dessa maneira, uma variedade ou uma variante linguística será bem avaliada, caso quem a utilize seja uma pessoa bem avaliada também, ou seja, que possua prestígio na comunidade de fala à qual pertence. Esse prestígio pode ser proveniente do conhecimento acadêmico do falante - as pessoas que estudam costumam ser valorizadas, a cultura letrada é muito respeitada em nossa sociedade - ou pode ser decorrente do fato de que, agora, aquele jovem vive em um grande centro urbano, local no qual todas as invenções e tecnologias chegam primeiro, portanto, as pessoas que vivem ali detêm maior conhecimento de mundo. Exercendo tal prestígio em sua comunidade de fala originária, seus comportamentos linguísticos serão reproduzidos por seus conterrâneos, haja visto o que assevera Spolsky (2009), o *status* da variante está relacionado à importância de quem a utiliza. É relevante acrescentar que, nesse caso, configura-se aqui o elemento de política linguística denominado de crença por Spolsky (2004, 2009, 2012). Segundo o autor, crenças são os valores atribuídos às línguas, às variedades e às variantes linguísticas. No caso da cidade de Itaguara, o que se percebe é que há uma atribuição de valor positivo à forma inovadora de pronúncia do fonema /R/ em final de sílaba, aquela incorporada pelos jovens itaguarenses na capital do estado de Minas Gerais, caso contrário, ela não seria aceita pela comunidade de fala em questão, a cidade de Itaguara.

Consoante Spolsky (2009, 2012), a gestão é definida como todos os esforços realizados para que se mudem as práticas e as crenças em relação à língua. Tais esforços são empreendidos por um grupo, ou mesmo pelo governo, ou quem quer que se sinta autoridade para provocar essas ditas mudanças. Um exemplo de gestão empreendida pelo governo seria o decreto de setembro de 2008¹⁶, que visa a mudanças na ortografia da língua portuguesa. Um professor, em sala de aula, explicando a seus alunos que o preconceito linguístico não faz o menor sentido – já que a língua é heterogênea e que, portanto, a variação ocorre em todos os níveis da língua – é também um exemplo de gestão. Em Itaguara, não houve um decreto dizendo que os falantes deveriam deixar de produzir a retroflexão do fonema /R/ em final de sílaba, ou, ainda, aqueles jovens

¹⁴ Conforme Carmo (2017), na capital mineira, as fricativas glotais vozeada e desvozeada são as variantes mais recorrentes do fonema /R/.

¹⁵ No original: Language policy is all about choices.” (SPOLSKY, 2009, p. 01)

¹⁶ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm. Acesso em: 24 out. 2023.

que migraram para Belo Horizonte não reuniram seus conterrâneos na praça da cidade para lhes dizer o quão melhor seria se abandonassem a retroflexão do fonema /R/ em final de sílaba. Dessa forma, não se pode dizer que a gestão está presente no contexto linguístico descrito em Itaguara, já que, como afirma Spolsky (2009, p. 6), “se trata de gestão apenas quando pudermos identificar o gestor.”¹⁷ Nesse caso, os jovens itaguarenses não podem ser considerados gestores, já que eles não estão fazendo esforços explícitos para mudar a forma como seus conterrâneos realizam o fonema /R/ em final de sílaba. Aqueles jovens estão apenas influenciando, de forma natural, as práticas linguísticas das outras pessoas

Em Itaúna, Carmo (2017) observou um cenário distinto daquele descrito para Itaguara. Por viverem em uma cidade grande, capaz de lhe prover os recursos dos quais necessitam, os itaunenses, salvo poucas exceções, não se interessam por deixar sua terra Natal. Isso faz com que sua fala se preserve. Segundo Carmo (2017), a produção de retroflexão do fonema /R/ é bastante marcante mesmo na fala dos itaunenses mais jovens. Isso não faz, porém, com que aqueles componentes da Política Linguística descritos por Spolsky (2004, 2009, 2012) não estejam presentes na comunidade de fala dos moradores de Itaúna. Eles apenas não estão atuando em uma mudança com relação ao fonema /R/, já que, de acordo com Carmo (2017), não há indícios de que os itaunenses estejam abandonando o fonema /R/ retroflexo. Além disso, há de se lembrar que, como já mencionado, Itaúna recebe jovens de outras partes do país e, nesse caso, possivelmente, Itaúna representa na vida desses jovens o mesmo papel que Belo Horizonte representa na vida dos jovens de Itaguara. Sendo assim, pode ser que pessoas que se mudam para Itaúna incorporem – com o passar do tempo em que vivem ali – a retroflexão do fonema /R/ à sua fala.

Nos anos de 1920, Amadeu Amaral lançou a primeira edição de *O dialeto caipira* e, nessa obra, o autor discorre sobre a avaliação negativa que tal dialeto tinha. Segundo Amaral (1982, p. 41), o falar caipira criou aos paulistas¹⁸ a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem. Sendo a retroflexão do fonema /R/, segundo Amaral (1982), um elemento marcante do dialeto caipira, sua produção também foi marcada como algo negativo. Trabalhos como o de Leite (2004) e Paes (2014) asseguram que ainda nos dias atuais, o /R/ retroflexo costuma ser avaliado de forma negativa por algumas pessoas.

Leite (2004) empreendeu uma pesquisa que teve como *corpus* depoimentos de estudantes da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, oriundos de São José do Rio Preto, cidade do interior do estado de São Paulo. A autora apresenta em seu trabalho relatos muito fortes, nos quais os riopretenses - que têm o /R/ retroflexo como elemento característico de sua fala - afirmam que o preconceito com quem realiza a retroflexão do fonema /R/ é tão grande, que eles não se arriscam a produzi-la. Dessa forma, aqueles estudantes passaram a imitar a forma como os campineiros pronunciam o fonema /R/ em final de sílaba. Segundo Leite (2004), no entanto, essa tentativa foi frustrada, já que não é tão simples mudar, de repente, algo como a produção de um fonema tão marcado como o /R/ retroflexo. Sendo assim, os estudantes da UNICAMP não realizam o fonema /R/ da forma como os nativos de Campinas o fazem e não realizam a retroflexão do fonema /R/. De acordo com a autora, tal situação deu origem a uma nova variante do fonema /R/.

Paes (2014) tratou das ocorrências do fonema /R/ retroflexo na fala dos moradores do bairro Várzea, na cidade de Lagoa Santa e, segundo a autora, esse é o único lugar no qual aquela variante do fonema /R/ ocorre na cidade. Em uma conversa informal com a autora deste artigo, Paes, que é moradora do bairro Várzea, relatou que, quando criança, ela alternava

¹⁷ No original: [...] it is management only when we can identify the manager.

¹⁸ Segundo Amaral (1982), o dialeto caipira tem sua origem no território da antiga província de São Paulo.

entre a produção e a ocultação do /R/ retroflexo. Quando estava em seu bairro, local no qual o /R/ retroflexo ocorre, Paes o utilizava. Quando ia à escola, que ficava em outro bairro, Paes tentava produzir outra variante do fonema /R/ em sua fala, para evitar o preconceito que, mesmo sendo criança, ela sabia existir em relação à retroflexão do fonema /R/.

Na contramão do que apresentam Leite (2004) e Paes (2014), Aguilera (2012) demonstra que o fonema /R/ retroflexo passou a ser avaliado de forma positiva por jovens, principalmente da área urbana, em localidades do Paraná. Isso, de acordo com a autora, passou a acontecer porque os jovens paranaenses são fãs de música sertaneja, e os artistas desse estilo musical apresentam em sua fala aquela variante do fonema /R/.

As situações apresentadas por Leite (2004) e Paes (2014), de certa forma, se assemelham à situação que ocorre em Itaguara, os falantes deixam de produzir o fonema /R/ retroflexo, produzindo uma variante de prestígio. Vale salientar que, em Itaguara, os falantes não são expostos à violência experimentada pelos estudantes da UNICAMP, nem tampouco precisam esconder a produção do /R/ retroflexo em sua fala como o fazia Paes (2014) quando criança.

As colocações de Aguilera (2012) estão bem próximas ao que ocorre em Itaúna, os itaunenses, assim como os artistas sertanejos, não veem problemas com relação à retroflexão do fonema /R/ em sua fala, por isso, não sentem necessidade de deixar de utilizá-lo. Para que se entenda o que ocorre, nesse caso, faz-se necessário retomar Spolsky (2009), o *status* de uma variedade ou mesmo de uma variante linguística está relacionado, dentre outros fatores, à importância das pessoas que as utiliza. Os nativos de Itaúna vivem em uma cidade que lhes proporciona estudo, trabalho e uma vida social cheia de atrativos, sendo assim, eles se sentem bem-sucedidos, o que os faz importantes, assim como se sentem os artistas sertanejos, que são pessoas de sucesso, com fãs que os admiram. Dessa forma, tanto os artistas sertanejos quanto os nativos de Itaúna mantêm a produção do fonema /R/ retroflexo em sua fala.

5 Considerações finais

A língua é a maior e mais expressiva ferramenta social a que o ser humano tem acesso. Através da língua, é possível estabelecer relações, criar ou solucionar conflitos, construir a identidade, destruir a imagem que se tem de alguém, conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho, perder as chances de uma conquista amorosa, ou mesmo profissional. Tudo isso só é possível, porque a língua é, na verdade, construída e gerida por quem dela se utiliza. Dessa forma, ao se comunicar, o falante não o faz de forma despreziosa, ele entende que há a possibilidade de escolhas, ainda que o contexto de comunicação do qual participa seja monolíngue. Essas escolhas podem ser feitas em relação ao léxico – as palavras a serem utilizadas –, à forma como se pronuncia uma determinada palavra, à variedade da língua a ser utilizada, enfim, são inúmeras as possibilidades de escolha e quanto maior o número de possibilidades forem de conhecimento do falante, maior será a habilidade social desse falante. Isso porque juízos de valores são atribuídos à forma como os falantes se utilizam da língua. Sendo assim, as gírias podem ser consideradas indesejáveis por alguns falantes, ou em contextos linguísticos específicos, mas podem ser bem avaliadas por outros falantes em outros contextos. Da mesma forma, um falante pode ser considerado pedante ao utilizar uma variedade culta da língua em um contexto no qual seus interlocutores não apresentem domínio daquela variedade.

A possibilidade de escolhas entre variantes e variáveis da língua, denominada práticas por Spolsky (2004, 2009, 2012) dentro daquilo que o autor determina como Política Linguística, é muito perceptível nas duas comunidades de fala aqui descritas, Itaguara e Itaúna. Cada uma dessas comunidades faz suas escolhas, os itaguarenses escolhem produzir o fonema /R/ em final de sílaba de forma semelhante aos moradores de Belo Horizonte, já que, em sua crença,

juízo de valor atribuído à língua, segundo Spolsky (2004, 2009, 2012), essa é a forma de maior prestígio. Os nativos de Itaúna, por sua vez, entendem que não há nada de errado em produzir o fonema /R/ retroflexo, por isso, ele se mantém em sua fala.

É relevante lembrar que língua e sociedade são indissociáveis, sendo assim, o falante sempre tentará adequar sua fala à sociedade a qual pertence. Spolsky (2009) defende a ideia de que política linguística sempre esteve presente na história da humanidade, sendo assim, as práticas, a crença e a gestão sempre estiveram também presentes na história da humanidade. E a forma como esses componentes operam é bastante perceptível nas cidades estudadas por Carmo (2017), já que as crenças determinam as práticas, como acontece nas comunidades de fala aqui apresentadas, Itaguara e Itaúna.

Referências

- AGUILERA, V. A. **O /R/ caipira está ganhando status? O que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil coletados no Paraná**. Papéis (UFMS), v. 16, p. 13-26, 2012.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 4. e São Paulo: Hucitec, 1982.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- CARMO, J. **A realização variável do fonema /R/ em Itaguara (MG) e Itaúna (MG)**. 275 p. 2017. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/9677/1/DISSERTACAO_Realiza%C3%A7%C3%A3oVari%C3%A1velFonema.pdf. Acesso em 10 set. 2023.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola. 2008.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- LEITE, C. M. B. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco**. Campinas. 149 p. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociolinguística). Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/304373>. Acesso em 10 set. 2023.
- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 43-57.
- PAES, M. H. S. **A variável (R) em coda silábica medial no bairro Várzea, em Lagoa Santa -MG**. Belo Horizonte. 115 p. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1637M.pdf>. Acesso em 20 out. 2023.
- SPOLSKY, B. **Language policy: a key topics in Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge, 2004.
- SPOLSKY, B. **Language Management**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SPOLSKY, B. **What is language policy?** In: SPOLSKY, B. *The Cambridge Handbook of Language Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 03-15.
- VALADARES, F. B. Paulistanês: uma análise na perspectiva Laboviana. **Verbum (PUC-SP)**, n. 6, p. 22-34, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/19033>. Acesso em 20 out. 2023

Submetido: 20/09/23

Aceito:26/10/23